



"Auto retrato", 1940, coleção do artista

Homenagem
QUIRINO CAMPOFIORITO
80 ANOS

Homenagem QUIRINO CAMPOFIORITO 80 ANOS

Uma ocasião como esta, na qual se comemoram os oitenta anos de idade deste vigoroso e lúcido artista que é Quirino Campofiorito, não poderia passar sem que manifestássemos nossa admiração, através de singela homenagem prestada a quem tem dedicado sua vida e seu trabalho ao enriquecimento da nossa cultura e ao processo de desenvolvimento de nossas artes visuais.

Trabalhador incansável, Quirino Campofiorito é hoje um desses exemplos vivos e raros de pessoa que atuou com empenho em diversas áreas no campo intelectual, como professor, pintor, crítico de arte, historiador e jornalista. E é conveniente recordar o quanto esta atuação se mantém presente no panorama atual da arte, sem que qualquer de suas atividades haja prejudicado as demais.

Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo lecionado durante trinta anos na Escola de Belas Artes, Quirino Campofiorito é antes de tudo um pintor que sempre conservou a capacidade de acompanhar a evolução do fenômeno estético e de renovar constantemente sua obra, exercendo sua reflexão e sua crítica de maneira a elucidar e compreender, mediante invejável experiência, a relação existente entre os movimentos contemporâneos de arte e o seu tempo.

Portanto, é com orgulho e satisfação que a Secretaria de Estado de Educação e Cultura, através do Departamento de Cultura, tem a honra de promover esta homenagem tão simples e sincera quanto a postura que define, de modo absolutamente próprio, o homenageado.

Arnaldo Niskier

É muito comum que Quirino Campofiorito se veja, ainda hoje, preocupado com a relação mantida entre sua pintura e as demais atividades que tem praticado desde a década de trinta. E sempre o tenho ouvido dizer, com insistência, que o crítico de arte, o historiador, o jornalista e o professor foram responsáveis por algum suposto prejuízo infligido ao artista. Curiosamente só agora tenho uma oportunidade adequada para lhe dizer que discordo em absoluto desta afirmativa! Quando um pintor pode nos apresentar um resumo tão significativo de seu trabalho ao longo de cinquenta anos, como este que constitui a breve exposição organizada pelo Departamento Geral de Cultura do Governo do Estado do Rio de Janeiro, fica mais do que claro que não houve qualquer prejuízo para o artista pelo fato de ter simultaneamente desempenhado diversos outros papéis intelectuais.

Pelo contrário, creio que sua obra manteve uma forte e benéfica interação com o magistério e com o exercício da crítica, ligados solidamente como estiveram pelo profundo humanismo e pela corajosa disposição que caracterizam Quirino Campofiorito com um inigualável estimulador das formas de expressão cultural. Recordo-me, durante todos esses anos nos quais tenho tido o privilégio de ser seu amigo, de jamais tê-lo encontrado, em casa, sem que estivesse ocupado com a pintura em seu misterioso e atraente *atelier*; e, na cidade, com a visita interessada e constante às exposições de arte. Mesmo na Escola de Belas Artes, que foi palco de consideráveis transtornos e aborrecimentos em sua vida, e que hoje está instalada em local virtualmente inacessível, costume encontrá-lo com surpreendente frequência para um Professor Emérito que deve sua aposentadoria ao arbítrio reacionário — cujos efeitos nem o tempo nem os títulos podem apagar.

Dedicando-se de maneira tão íntegra ao conjunto de suas diversas atividades, como é possível então admitir que alguma delas pudesse ser favorecida pela inexistência das outras? Em minha opinião, é bastante esclarecedor que a presente homenagem se faça em torno de suas pinturas, expostas na Escola de Artes Visuais, e de seu pensamento, representado por uma entrevista pública realizada em companhia de um admirador entusiasmado, o antropólogo Roberto Da Matta, e por um amplo depoimento gravado em videotape que já é valioso documento histórico sobre a evolução da arte no Brasil. São estas vertentes essenciais da fascinante obra de Quirino Campofiorito, a pintura e a reflexão crítica, que cabe neste momento compreender e homenagear em sua verdadeira dimensão e indiscutível importância. Mas é ao homem, fiel a seus princípios de solidariedade humana e com eles vitorioso durante e após a adversidade, que eu gostaria de prestar minha homenagem particular através deste texto, bem menos eloqüente talvez do que o necessário.

Carlos Roberto Maciel Levy

Quando conheci Quirino Campofiorito num debate sobre arte, sociedade e coisas deste tipo, verifiquei logo que o pintor conhecido se engrandecia com o homem que desfrutava a vida como um jovem. Difícil encontrar e muito raro conhecer um noviço de oitenta anos com uma carreira ilustre de pintor, crítico, professor de arte e homem do mundo. Noviço porque Quirino é uma pessoa em constante refazer-se, alma nova e sequiosa de aprendizado, certa talvez de que uma vida ensina tudo ao contrário — o segredo não é chegar aos oitenta como sábio, mas o inverso, chegar lá sabendo que não se sabe e querendo ainda aprender.

É esta a lição que vejo na vida e na obra deste amigo, e foi vendo-o discutir e discursar com entusiasmo de quem tentava e teimava com alma, coração e calor que verifiquei essa ausência de certezas que permitem fazer todos os homens — independentemente de suas idades — eternamente jovens. Ao contrário dos jovens com certezas plenas, que se apresentam enfiados e cansados pela ignorância que se permitem encontrar no mundo e nos homens, em Quirino vejo sempre esse companheirismo de quem pode, mesmo velho de corpo, abrir-se à aventura generosa do espírito, como a confirmar a velha e batida fórmula de que é o corpo que envelhece, mas a alma, essa coisa inefável e imortal, permanece jovem, alva e alegre, sempre disposta a dar um novo passo.

Mas se a fórmula que sabe a ditado é banal, isso não a torna verdadeira para todos. Há pessoas que o passar dos anos liquida corpo e alma. E Quirino Campofiorito serve para exemplificar a possibilidade do amor à vida e à sua arte, pela lealdade aos sonhos da juventude. Vejo, pois, além do pintor e do intelectual de mérito, o homem que sabe ser constante em sua paixão de jovem e com ela vive todas essas dezenas de anos como que a nos provar que a vida é fidelidade a um sonho da mocidade e a mocidade é esse saber que não se sabe, sempre com tanto gosto de aprender.

Roberto Da Matta

Filho do pintor e arquiteto Pedro Campofiorito, primeiro diretor do Museu Antonio Parreiras, em Niterói, e casado com a pintora Hilda Eisenlohr, com quem tem um único filho, Ítalo, também arquiteto, Quirino Campofiorito nasceu em Belém do Pará, em 1902. Dos integrantes do Núcleo Bernardelli é de atuação mais diversificada: pintor, desenhista, gravador, caricaturista, professor e crítico de arte. Transferindo-se com a família para o Rio, em 1912, realiza seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes, a partir de 1920. Na aula de pintura da ENBA recebe as medalhas de prata e ouro em 1927 e em 1928, o que lhe permite concorrer ao prêmio de viagem ao exterior, ganho em 1929 e cumprido na Europa, durante cinco anos, a partir de 1930.

Em Paris, freqüenta as Academias de la Grande Chaumière e Julien, participa de vários salões locais, inclusive o de Outono. Posteriormente, freqüenta a Academia de Belas Artes, em Roma. Volta à Itália em 1957, comissionado pela Escola Nacional para observar o ensino de mosaico na Escola de Ravena, onde permaneceu um ano. No Brasil, concorre ao Salão Nacional de Belas Artes, recebendo as medalhas de bronze (anos 20) e prata (1937). Organiza a Escola de Belas Artes de Araraquara, em São Paulo, por ele dirigida entre 1936 e 1938. Nomeado para assumir interinamente a cadeira de desenho artístico na Escola Nacional em 1938, é aprovado em concurso realizado em 1949 para a cadeira de arte decorativa.

Participou da representação brasileira à Exposição Internacional de Arte, em 1938, na Califórnia, Estados Unidos. Sua atuação como caricaturista tem início em 1920, tendo publicado charges em *A Maçã*, *O Malho*, *O Tico-Tico*, *D. Quixote*, *Reação*, *O Foot-Ball*, *A Máscara*, bem como no *Diário da Noite*, *O Jornal* e *Jornal de Letras*. Foi diretor e ilustrador da *Revista Infantil* de 1927 a 1929, editou e dirigiu o jornal mensal *Bellas Artes*, de 1935 a 1940.

Realizou sua primeira exposição individual em 1934, no Palace Hotel, logo após seu retorno da Europa. Só voltaria a expor individualmente em 1971.

Por ocasião de sua mostra na Bolsa de Arte do Rio de Janeiro em 1977, seu filho, Ítalo Campofiorito, levantou três capítulos na história de sua carreira: a formação profissional, a luta pelo Modernismo e a recuperação da pintura. No primeiro capítulo, Ítalo nota a contraditória formação de seu pai, entre a apatia do ensino acadêmico na Escola Nacional e a "revigorante atividade de ilustrador, cartunista e desenhista publicitário para a Metro Goldwin Meyer". Isto explica, no seu entender, a facilidade com que compreendeu, nos anos 30, o modernismo de Paris, e, nos anos 60, a *pop-art*. Nos anos 40, enquanto dirigia sua agressividade crítica a favor da renovação do meio artístico realizou uma pintura retraída, de caráter surrealista, o que "nele era uma espécie de lúcido adeus ao velho sonho neo-clássico".

Num enfoque mais geral, pode-se observar que a pintura de Quirino Campofiorito sempre oscilou entre a vontade de participação social e política (o que tem muito a ver com o antigo caricaturista) e uma certa vontade metafísica ou surrealista, que pode ser conseqüência de sua raiz italiana. Os temas de natureza mais social — agrupamentos familiares, pescadores, operários, favelas — convivem com estátuas, caramujos, cavalos, arquiteturas greco-romanas, livros. Nus e naturezas mortas igualmente estão presentes em sua pintura desde os anos 30.

Frederico Moraes

A Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro,
através de seu Departamento de Cultura, convida para a abertura da exposição

HOMENAGEM: QUIRINO CAMPOFIORITO 80 ANOS

a ser realizada no dia 21 de setembro às 20:30 horas, na
Escola de Artes Visuais (Parque Laje),
à Rua Jardim Botânico n.º 414, Rio de Janeiro

PROGRAMA DA MOSTRA

21 de setembro de 1982 às 20:30 horas

Coquetel de abertura e entrevista depoimento com Quirino Campofiorito
realizada pelo antropólogo Roberto Da Matta

22 de setembro de 1982 às 20:30 horas

Projeção de videotape contendo depoimento do artista sobre sua vida e sua obra,
seguido de Mesa Redonda com a presença de alguns de seus ex-alunos e
companheiros de trabalho.

23 de setembro de 1982 às 10 horas

Sessão Solene da Congregação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, em homenagem ao Professor Emérito Quirino Campofiorito
Local: Salão Moniz de Aragão - Prédio da Reitoria - Pavimento Térreo -
Cidade Universitária - Ilha do Fundão

Realização

Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro
Departamento de Cultura da SEEC-RJ
Escola de Artes Visuais
Rio Arte - Instituto Municipal de Arte e Cultura
Banco do Estado do Rio de Janeiro

Planejamento e organização da exposição: Maria Elizabete Santos Peixoto

Apoio Cultural

EDIÇÕES
PINAKOTHEKE

Cooperação

Fundação Roberto Marinho
Escola de Belas Artes da
Universidade Federal do Rio de Janeiro